

Zitierhinweis

da Silva Júnior, Waldolmiro Lourenco: review of: Akiko Tsuchiya / William G. Acree (eds.), *Empire's End. Transnational Connections in the Hispanic World*, Nashville: Vanderbilt University Press, 2016, in: *Rechtsgeschichte*, 26 (2018), p. 471-473, DOI: 10.12946/rg26/471-473, downloaded from Website



copyright

Dieser Beitrag kann vom Nutzer zu eigenen nicht-kommerziellen Zwecken heruntergeladen und/oder ausgedruckt werden. Darüber hinausgehende Nutzungen sind ohne weitere Genehmigung der Rechteinhaber nur im Rahmen der gesetzlichen Schrankenbestimmungen (§§ 44a-63a UrhG) zulässig.

Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

A finitude imperial em revista: uma perspectiva sobre as conexões do mundo hispânico*

Fruto de um simpósio sucedido em 2012, na Washington University, nos Estados Unidos, o livro organizado por A. Tsuchiya e W. Acree começa com a seguinte frase: »when Napoleon's forces invaded the Iberian Peninsula in 1808, the world's most powerful empire was already beginning to fracture« (1). O elemento notável aqui não é o erro de data, já que a invasão à Península Ibérica ocorreu no ano anterior, nem a associação entre a fratura do império espanhol e as incursões das forças de Napoleão Bonaparte, mas a qualificação daquele império como o mais poderoso do mundo no alvorecer do oitocentos, quando Grã-Bretanha e França disputavam, palmo a palmo, a hegemonia atlântica. De imediato, surgem duas indagações: Quais as concepções de império e de poder presentes na obra? Como os autores compreendem a inserção do império espanhol no quadro mais amplo das relações e das disputas internacionais?

A. Tsuchiya, autora do texto introdutório de onde foi extraída a frase reproduzida acima, salienta que o término do império é compreendido no livro como um processo fluido ocorrido no decorrer do »longo século XIX«, cujas ramificações reais e simbólicas são sentidas além desse período. Talvez a essa consideração se deva a supressão, no título do livro, do marco cronológico presente no título do simpósio (1808–1898). Um segundo ponto realçado pela autora, que decorre do primeiro, diz respeito à compreensão de que as independências não marcam a quebra das relações transatlânticas e transacionais entre a Espanha e suas antigas possessões ultramarinas. A consequência fundamental é a problematização da emancipação política como fator de ruptura e o destaque de aspectos culturais hispânicos como elementos de integração. Com efeito, um dos pontos fortes da obra é explorar »circuits of intellectual and cultural exchange – and the concomitant power relations that such ex-

changes implied« (5). As relações de poder aqui são, portanto, compreendidas além do campo estrito da dominação colonial.

A obra conta com dez capítulos, distribuídos em quatro seções: *Atlantic cartographies; racial theory: from imperial formation to nostalgic celebration; slavery, empire, and the problem of freedom; cultural legacies of empire*. A contribuição de Sebastiaan Faber, que abre a primeira seção do livro, consiste em uma dura crítica ao paradigma hispanista presente na historiografia cultural espanhola. Faber aborda o hispanismo como ideologia e como prática institucional solidamente arraigada, apontando as limitações de um exclusivismo que desconsidera tanto a produção literária espanhola redigida em outras línguas que não o castelhano quanto a literatura em espanhol produzida fora da Espanha. Faber argumenta que a reprodução de determinada perspectiva acadêmica constitui um meio para o exercício de poder com variados níveis de interesses, e que sua contestação não passa apenas pela crítica intelectual, mas, também, pela realização de reformas curriculares e departamentais nas universidades. O segundo capítulo, de Kirsty Hooper, migra da historiografia para a história, trazendo luzes sobre o caso pouquíssimo conhecido das conexões da cidade de Liverpool, na Inglaterra, com o mundo luso-hispânico no século XIX. A autora solicita maior sustentação empírica à história dos intercâmbios culturais e traz a concretude das migrações e das trocas econômicas para o centro da reflexão. Seu trabalho indica o funcionamento de companhias de navegação que ligavam o porto britânico aos circuitos comerciais ibéricos no Atlântico e no Pacífico, em ambos os hemisférios, bem como a formação de uma comunidade luso-hispânica em Liverpool cujos traços culturais ainda estão em grande parte por serem reconstituídos. Para ela, conexões como

* AKIKO TSUCHIYA, WILLIAM G. ACREE JR. (eds.), *Empire's End: Transnational Connections in the Hispanic World*, Nashville: Vanderbilt University Press 2016, 240 p., ISBN 978-0-82652-076-0

as que aborda em seu estudo permitem tencionar as percepções sobre o que é »local« e »periférico«, ampliando a compreensão a respeito da multiplicidade histórica do passado oitocentista em sua globalidade.

A segunda seção do livro é a mais coesa das quatro. Seus três capítulos destacam a centralidade e as especificidades dos discursos raciais no mundo hispânico do longo século XIX. Joshua Goode volta seu olhar para o momento que se seguiu às perdas imperiais espanholas, em 1898. O autor destaca o uso político do discurso antropológico que requalificou, sobre novas bases, a fusão racial característica dos espanhóis, justificando suas aspirações colonialistas na África. O ponto central de Goode é mostrar a plasticidade da significação atribuída à mestiçagem, que configuraria o que ele chama de *portmanteau idea* em função da contínua redefinição e da variedade de apropriações nos diferentes contextos nas décadas iniciais do século XX. Alda Blanco segue caminho semelhante, explorando as formas assumidas pelo pensamento racial na Espanha e na América hispânica. O seu ponto de partida são as ideias debatidas no Congresso Geográfico Hispano-Português-Americano, de 1892. Uma das teses consensuais foi a de que a raça ibérica era produto da fusão racial e que isso se tratava de um aspecto positivo, em franco contraste com o »purismo« prevalente no racismo europeu da época. Em seguida, a autora confronta essa presunção com a linha de pensamento de duas figuras de destaque da intelectualidade hispano-americana, o mexicano Justo Sierra e o argentino Domingo Sarmiento, que chegaram a diferentes conclusões. Joyce Tolliver, na sequência, chamando a atenção para a negligência historiográfica com as Filipinas, destaca as particularidades das concepções de raça e nacionalidade na região. O interessante a enfatizar é o contraste com a tônica geral dos dois capítulos anteriores. Diferentemente do que acontecia, desde tempos imemoriais, na Península e na interação com os povos americanos, a mestiçagem entre espanhóis e a população local seria relativamente rara na colonização filipina. Consequentemente, a aplicação dos protocolos de distinção/exclusão social e política baseados na tradicional ficção jurídica da »limpeza de sangue«, também presentes na América, assumiriam traços peculiares naquela localidade.

Um texto de Christopher Schmidt-Nowara, falecido em 2015 e a quem o livro é dedicado, abre a terceira seção com uma análise relacional das

percepções forjadas em torno do cativo e da liberdade no momento em que se lutava contra a dominação francesa e, ao mesmo tempo, se fortalecia a escravidão africana no Caribe espanhol. O inovador do capítulo é a maneira como o autor explora a trajetória de prisioneiros de guerra, inclusive, a do próprio rei, Fernando VII, mapeando as formas como as experiências moldaram as mentalidades, oscilando da escala da biografia para a grande política. William Luis, por seu turno, explora o esfacelamento daquele império que, segundo Nowara, havia se renovado na década de 1820 em diante. Partindo de uma metáfora que acena para a inexistência de vácuo de poder, Luis examina a transição do domínio colonial espanhol no Caribe para a influência neocolonial dos Estados Unidos a partir de um criativo e abrangente exame da produção literária (tomada como contradiscurso) e de suas interfaces com as transformações culturais, econômicas e políticas do período.

A última seção é iniciada pelo capítulo de Michael Ugarte, que aborda a presença espanhola no norte da África, tema também bastante negligenciado. O contexto é investigado por meio dos escritos de Benito Pérez Galdós (1843–1920), autor realista que deixa transparecer, conforme Ugarte, as ambiguidades e as ambivalências do imperialismo espanhol em terras africanas, principalmente no tocante às Guerras do Marrocos, e em relação ao discurso orientalista. Em seguida, o trabalho de Lisa Surwillo trata do tema dos *indianos*, espanhóis emigrados que retornavam após terem »feito a América«. Para a autora, as narrativas, o imaginário e a cultura material deixadas por aqueles indivíduos permitem desafiar a ideia de finitude do império, na medida em que dão conta da continuidade ou da criação de fluxos migratórios e de laços econômicos após 1898. Por fim, Alejandro Mejías-López apresenta uma avaliação sobre os efeitos do declínio do império espanhol na história literária espanhola e hispano-americana. Extrapolando a análise de Faber sobre o hispanismo, Mejías sublinha a indiferença mútua entre os campos literários dos dois lados do Atlântico e o lugar de subordinação assumido em relação à literatura francesa e do Norte da Europa, no decorrer do século XX. Na sequência, realça as perspectivas abertas pelos estudos transatlânticos, mas também – praticamente realizando uma crítica interna ao livro – alerta para os problemas decorrentes de um novo confinamento nos limites do antigo império e clama por teorizações que ajudem lançar novas

luzes sobre a circulação de cultura e de poder através do Atlântico.

Empire's End, tanto pela excelência individual dos capítulos que o integram quanto pela afinidade de seu conjunto, é uma ótima contribuição historiográfica. Não obstante, a relativização das emancipações políticas como marcos definidores, embora seja analiticamente estimulante, tem, no livro, o duplo efeito de rebaixar o relevo histórico das independências e de tornar singulares os múltiplos tempos do império espanhol e de seu colapso. Embora os capítulos sejam eivados de discussões sobre relações de poder, prepondera uma concepção culturalista de império que não discerne a

natureza das relações da Espanha com os países de língua castelhana independentes na primeira metade do século XIX daquelas estabelecidas com regiões como Cuba e Porto Rico, que permaneceram colônias. Ademais, a hiperbólica imagem do poderio espanhol pintada na frase inicial não é desafiada pelo conjunto da obra, que não problematiza a inserção do país no quadro mais amplo das disputas imperiais. Como construir uma perspectiva transnacional que desconsidere, por exemplo, as pressões econômicas e diplomáticas exercidas pelo Império Britânico?



Mónica García-Salmones Rovira

More is More in the Hidden History of International Law in the Americas*

»In the beginning all the World was *America*« reads the iconic opening of § 49 in John Locke's *Second Treatise of Government*. Beyond mentioning »America«, Locke's theory and the story told by Juan Pablo Scarfi in *The Hidden History of International Law in the Americas* share an unsettling resemblance. The expansion of international law and the deepening of legal techniques for the purposes of US hegemony in the American hemisphere, the invasion of politics by the language of science, the double standard, one of real military and monetary interventions, and another of (usually) suave diplomatic correspondence about the advantages of pan-Americanism, all are part and parcel of *The Hidden History*. Moreover, around the mid-20th century the pattern extended around the entire globe. Therefore, as Scarfi elegantly suggests, the interventions in Latin America by the newly established US empire in the early 20th century had the nature of laboratory experiments. In the end,

all the world was *America* again, but with a good number more of international organizations, institutions devoted to the scientific study of international law, and international legal norms and principles. This image, of course, simplifies tremendously the complex history of the past century. However, it summarizes the message of Scarfi's book.

The Hidden History belongs to a new wave of scholarship on the development and history of international law on the American continent in the early 20th century. It also connects with growing interest in the figure of James Brown Scott (Liliana Obregón, Arnulf Becker Lorca, Paolo Amorosa, Joshua Smetzler, Mónica García-Salmones). Scarfi presents his own approach to the history of international law in America as an exercise of »intellectual history« and a contribution to »the history of US-Latin American relations« (xvii). He traces »legal networks«, which amounted

* JUAN PABLO SCARFI, *The Hidden History of International Law in the Americas. Empire and Legal Networks*, Oxford: Oxford University Press 2017, 239 p., ISBN 978-0-19-062234-3